

Crianças “de rua” em Luanda: a vida em exclusão com sonhos e futuro

“Street” children in Luanda: an excluding life with dreams and a future

Brenda te Koppele



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/708>

DOI: 10.4000/ras.708

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2013

Paginação: 11-25

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Brenda te Koppele, « Crianças “de rua” em Luanda: a vida em exclusão com sonhos e futuro », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 01 março 2015, consultado no dia 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/708> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.708>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

© SASO

Crianças “de rua” em Luanda: a vida em exclusão com sonhos e futuro

“Street” children in Luanda: an excluding life with dreams and a future

Brenda te Koppele

NOTA DO EDITOR

Recebido a: 24/Agosto/2013

Enviado para avaliação: 12/Setembro/2013

Recepção da apreciação: 4, 10 e 16/Outubro/2013

Recepção de elementos adicionais: 10 e 21/Dezembro/2013

Aceite para publicação: 22/Dezembro/2013

Introdução

- 1 Hoje em dia, Angola está em crescimento. É um país que sofreu por mais de 30 anos de guerra e que tem agora 12 anos de paz. O país encontra-se cada vez mais forte economicamente. É um país com oportunidades, mas com as cicatrizes da guerra bem visíveis, sobretudo no seio familiar da classe mais baixa da sociedade, onde encontramos problemas de pobreza, do abuso, de drogas e agressividade que têm consequências para o bem-estar de todas as pessoas que vivem nesses lares. As crianças são nestas famílias os actores mais afectados por estes problemas. Gomes & Pereira [*apud* Paludo & Koller 2008: 43] afirmam que a condição socioeconómica precária das famílias impõe maiores dificuldades para a sobrevivência e pode agravar ou desencadear episódios de risco, como abandono, negligência e violência. São as crianças que têm que ajudar a família por causa da simples falta dos meios de sobrevivência, tornando-se assim num importante auxiliar financeiro [Paludo & Koller 2008]. Por causa deste papel de “trabalhador” no seio familiar são naturalmente excluídas da educação formal e se a isto adicionamos os sofrimentos da agressividade, do abuso e da pobreza, é lógico que muitas destas crianças decidem viver

as suas próprias vidas nas ruas de Luanda, tentando assim levar uma vida com condições melhores a partir do momento em que elas criam as suas próprias regras.

- 2 Uma vez nas ruas, as crianças ainda se encontram excluídas da educação formal, embora desenvolvam a capacidade de criar estratégias adaptativas que lhes permitem o desenvolvimento da sua capacidade de responsabilidade e autonomia [Hutz & Koller 1996 *apud* Schirò, Koller & Paludo 2009]. Ao mesmo tempo brincam, jogam, dançam, cantam e fazem desporto, actividades nas quais as suas opiniões, experiências e sentimentos ocupam um lugar central, ou seja, elas expressam-se culturalmente. Portanto, o facto que estas crianças encontram-se excluídas da educação formal não significa que não tenham capacidades e não se desenvolvam. A intensão desta investigação foi fazer com que as crianças se sentissem ouvidas mostrando que as suas opiniões são levadas à sério. Muitas crianças demonstraram-se decepcionadas pelos escassos resultados das pesquisas que foram implementadas por outras entidades no passado e ficou a impressão que pouco ou nada é feito para resolver os seus problemas [Kanoquela 2009]. Desta maneira, não fiz apenas uma investigação sobre as crianças de rua, mas considerei-os como próprios investigadores. A cultura das crianças “de rua” comporta dados importantes para a sociedade, dados que podem ajudar a entender os problemas sociais, a favor das crianças, a favor das famílias e dos pais. A cultura das crianças de rua tem muito a ensinar-nos, pois referiu Rousseau, “*A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que são próprias; nada há demais insensato do que pretender substituí-las pelas nossas*”. Por isso esta investigação.

Investigação com e sobre crianças “de rua”

- 3 Neste artigo, pretendo esclarecer e analisar a vida das crianças em Luanda que são descritas pela sociedade como uma ameaça: aqueles que roubam e usam drogas. Crianças com quem sobretudo não deves manter um contacto, pois vestem roupas sujas, não são educadas e portanto são uma ameaça para uma Angola em crescimento. Este artigo surgiu através de uma investigação etnográfica feita em Luanda em 2010/2011. O assunto específico sobre o qual se debruçou foi saber como é a vida das crianças “de rua” em Luanda e caracterizar as suas expressões culturais. Nesta investigação as crianças não são apenas o objeto de estudo mas também tiveram um papel como investigadores do que podemos designar de nível três: “influenciar a tomada de decisão” [Kirby 1999]. Isto significa que para além de mostrarem as suas opiniões as crianças tiveram influência no processo da investigação [Kirby 1999]. Assim, abordei as crianças como actores sociais com plenos direitos, tal como encontrados no artigo 12.1 da Convenção dos Direitos das Crianças, de 20 novembro 1986, segundo o qual “os Estados (em que Angola esta incluída) garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhes respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade” [UNICEF 2004]. Achei a participação das crianças essencial para receber “dados puros” e baseados em verdades tal qual construídas si próprias, pois ninguém conhece tão bem a cultura destas crianças como elas.
- 4 A investigação foi baseada na metodologia etnográfica que resultou num convívio com as crianças “de rua” em Luanda. Especificamente, vivi em conjunto com diferentes grupos dinâmicos que podemos considerar crianças “de rua”. O primeiro contacto foi num centro de acolhimento em que encontrámos dois grupos de crianças: crianças que lá dormem durante a noite e saem do centro logo de manhã, e crianças que vivem neste centro de

forma interna. Este último grupo teve uma vida na rua e tentam agora construir uma vida em que vão a uma escola formal e não saem mais para as ruas para sobreviver. O terceiro grupo que fez parte da investigação são as crianças que apenas encontrei durante o período noturno em diferentes lugares das artérias da cidade de Luanda, onde também dormem: Largo Primeiro de Maio, São Paulo e na Marginal. Os primeiros dois grupos que descrevi - aqueles que visitam ou dormem no centro de acolhimento - não foram apenas considerados objecto de estudo mas foram eles que também participaram como investigadores. Além disso o objecto de estudo só foram as crianças com as quais convivi nas ruas em diferentes lugares de Luanda e aquelas que visitaram o centro de acolhimento durante a noite e saíram na manhã do dia seguinte, considerando-as como um grupo: crianças “de rua”.

- 5 Com todos estes grupos convivi três meses no centro de acolhimento e nas ruas. Diariamente convivi em vários períodos para receber dados delas sobre todos os momentos do dia. Além desta observação participante, fiz entrevistas planificadas, conversas amáveis e participei nas expressões culturais que criaram e praticaram. As crianças investigadoras aumentaram estes métodos com a gravação das canções, com fotografias e vídeos, criação dos desenhos e com a construção dos diários e folhas de imagens. Todos os dados nestas técnicas resultaram numa imagem clara e poderosa sobre a vida no dia-a-dia das crianças “de rua” em Luanda.

Investir no relacionamento

- 6 Uma base essencial para receber os dados usados nestas técnicas foi o relacionamento com as crianças, pois para contar ou mostrar algo íntimo da sua vida é preciso ter confiança no outro. O facto de eu ser adulta, mulher, branca, e de origem holandesa foram factos que em primeira instância complicaram a criação dum relacionamento confiável. Porém, o facto de mostrar o propósito da investigação, indicava que tinha-me subordinado às crianças, pois foram elas que me ensinaram sobre as suas vidas, isso resultou num relacionamento adequado para receber dados verdadeiros sobre suas vidas. A relação com as crianças que encontrei no centro de acolhimento era caracterizada pelo interesse mútuo, responsabilidade para a investigadora, integração no grupo e a distância [Koppele 2012]. Não era apenas eu quem queria descobrir sobre a vida das crianças, mas rapidamente as crianças também me mostraram que elas queriam obter informação sobre a minha vida e cultura. A partir do momento em que eu me expus, elas confiaram mais em mim e assim consegui entrar com mais profundidade nas suas vidas. Também foi importante aceitar o facto de que elas sabiam mais sobre o bairro e a cidade de Luanda do que eu. Então, enquanto passeávamos nas ruas de Luanda deveria aceitar a responsabilidade que sentiram por mim. Sempre havia, sem eu pedir, umas crianças à minha volta, pois assim conseguiam proteger-me. Além disso, havia crianças que guardavam a minha pasta, porque elas sabiam que se fossem elas a andar com a pasta haveria menos risco dos criminosos a roubarem. A terceira característica era o facto de que eu e as crianças tínhamos uma confiança mútua e fomos abertos sobre as nossas vidas. Assim integramos-me nas suas culturas, muito embora houvesse alguns momentos em que o facto de nós sermos diferentes era bem visível. Havia, por exemplo, momentos em que queriam entrar em minha casa mas que isso não era possível, ao mesmo tempo eu não podia visitar certos lugares específicos em que eles não me aceitavam por razões próprias; então a distância nunca desapareceu. Em relação às crianças que somente visitei

durante a noite em diferentes lugares da cidade o relacionamento era diferente, pois visitei-as menos vezes e o contacto era menos frequente. Este relacionamento era baseado no entusiasmo e na distância. Por um lado ficaram muito entusiasmadas quando ouviram sobre o propósito da investigação e queriam falar “tudo” sobre as suas vidas e experiências, mas por outro lado eu não havia conseguido integrar-me nos seus grupos, pelo que o relacionamento ficou sempre marcado pela distância.

A presença e realidade das crianças “de rua”

- 7 Importante na visão sobre as crianças nesta investigação foi o facto de estudar as suas vidas de maneira em que as próprias crianças estão presentes com os seus próprios direitos [Koppele 2012], pois várias vezes as crianças e as suas vidas são estudadas com o foco no futuro ou no passado. Assim, nunca descobrimos aquilo que a infância é. Nesta investigação, o foco estava em descobrir a presente infância em que as crianças vivem. Um outro aspeto importante é o facto de não se focalizar na criação de novas teorias sobre estas crianças, mas concentrar-se nos contextos em que vivem [Graue & Walsh 2003]. Pois as crianças vivem em vários contextos difíceis e quando simplificamos o contexto perdemos grandes contributos para perceber sua infância e a opinião das crianças sobre sua infância.
- 8 Sabemos quais os grupos que participaram na investigação, mas temos que prestar muita atenção e usar a palavra “grupos” com cuidado, já que existem vários, muito embora dentro da minha investigação os tenha abordado como sendo um só, isto por causa da grande dinâmica desses grupos e que já a seguir explicarei. De acordo com Bandeira *et al.* [1994], Koller [1994] e Raffaelli *et al.* [2001], [*apud* Paludo & Koller 2008], sabemos que vários estudos que investigaram a relação destas crianças e jovens com a família, escola e actividades diárias mostraram a impossibilidade de definir os grupos separados. Pois, se uma criança já vive há algumas semanas num centro de acolhimento, ela pode decidir de repente sair e escolher viver na rua. Então, neste caso, a criança muda de grupo. Há outras crianças que ainda vivem no seio familiar, mas que a determinada altura escolhem viver na rua, durante o dia, e dormir num centro de acolhimento, à noite. Há ainda outras crianças que vivem durante o dia na rua e dormem durante a noite num centro de acolhimento, mas que a certa altura manifestam vontade de viver como internos no centro, o que, com o apoio dos educadores do centro, pode ser realizado. Estas escolhas das crianças podem ser por um longo período, mas também podem durar apenas alguns dias; as crianças mudam diariamente de grupos. Por isso, criar grupos é um trabalho de risco; a criança não deve estar presa num certo grupo, porque isto não corresponde à dinâmica da realidade [Koppele 2012]. Também é importante saber que o contexto cumpre um papel fundamental, pois se os grupos não fazem ligação com o contexto pode haver crianças que não serão incluídas em nenhum grupo [Koppele 2012]. Assim, baseados nos casos práticos, criei este esquema (figura 1) em que vemos os diferentes ‘grupos abertos’ situados em Luanda. Neste esquema fica bem visível que cada grupo é aberto, o que significa que as crianças de cada grupo podem entrar em qualquer outro grupo.

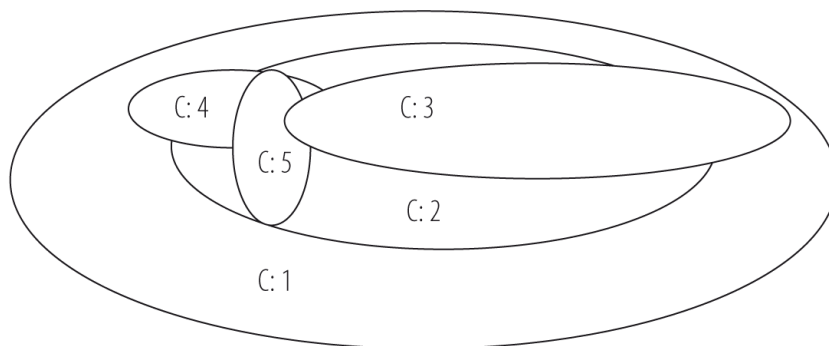


Figura 1: Grupos abertos⁹, em Luanda, Angola

- 9 Vimos nesta figura que o primeiro grupo são as crianças que na sociedade ocidental são consideradas como “crianças normais”. São crianças com dois papéis essenciais: ser aluno e ser filho [Marchi 2007]. Este grupo é constituído por crianças que vivem em casa, num ambiente familiar, e que vão para a escola. Em todos os outros grupos descritos as crianças são consideradas como “não normais”, pois não podem cumprir um ou os dois dos papéis da “criança normal”. Aqui surge directamente a pergunta: “Como são chamadas estas crianças que aos olhos da sociedade são diferentes?” Podemos chamar, a todas ou algumas crianças destes grupos, crianças de rua? Aqui entra uma expressão importante para todos os grupos, pois todos eles mantêm uma relação especial com a rua, usam a rua de forma mais intensiva e diversificada do que a criança “normal”. Quando as crianças saem das suas casas e decidem preferir as ruas durante o dia e/ou durante a noite, em vez de as suas casas, temos que compreender que isso não acontece sem razão. Existe um desejo, numa determinada área, relativamente à qual não se sentem satisfeitas nas suas casas, e que tentam preencher na rua. Assim, a rua é como uma solução. Vivendo nela, as crianças estão libertas dos problemas que o lar lhes traz [Paludo & Koller 2008]. Aqui é importante sublinhar que a origem do problema que a sociedade chama de “crianças de rua” está situado no seio familiar, pois se não existissem falhas a criança não iria escolher uma vida na rua, uma vez que todas as suas necessidades estariam satisfeitas em casa. Assim, podemos dizer que são exactamente os problemas que vivem em casa que fazem as crianças tornarem-se crianças “de rua” [Koppele, te 2012]. Então, se a criança de rua é “criada” em casa, a pergunta agora é: “Se a criança vive fora do seio familiar e depois volta, deixa de ser uma criança de rua?” Com isto quero dizer que quando o governo realmente quer resolver o problema da “criança de rua”, ele não deve preocupar-se somente com os problemas nas ruas, como o uso de drogas, as crianças dormindo na rua ou os roubos causados por estas mesmas crianças, mas sim com a situação familiar nas casas em que as crianças viveram. Vimos que muitas vezes as crianças estão desapontadas por aquilo que os adultos e o governo lhes prometem [Kanoquela 2009: 16]. Isto tem a ver com o facto de o governo se preocupar mais com a perturbação que o fenómeno causa na sociedade do que propriamente com os problemas que originalmente colocaram as crianças na rua. Encontrei um exemplo desta preocupação do governo num desenho (imagem 1) que recebi do Bert (13 anos, foi criança de rua e vive agora interno num centro de acolhimento). Ele desenhou para mim um carro de polícia. Quando lhe perguntei porque é que tinha desenhado esse carro, ele falou que com esse carro o polícia sempre recolhe as crianças “de rua” e leva-as a esquadra, para limparem as casas de banhos com xixi e cocó. É exactamente neste exemplo que vemos a importância que tem

para o governo “mostrar à sociedade que o país está limpo e organizado”, sem contudo se preocupar o suficiente com os problemas das crianças. No dia seguinte, o polícia volta a levar as crianças para as ruas sem haver qualquer resolução dos seus enormes problemas.

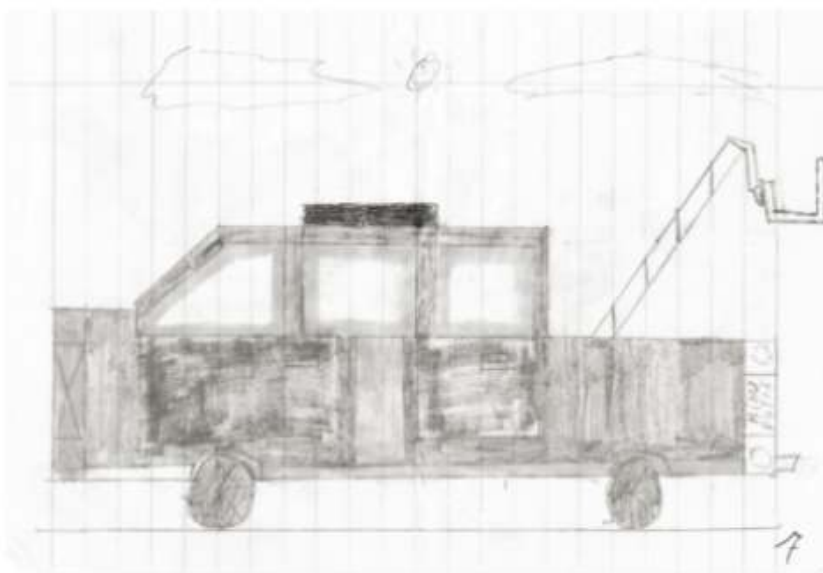


Imagem 1: Carro da polícia com o qual os polícias recolhem as crianças que dormem na rua [Koppele 2012], desenho retirado do trabalho: “Crianças de rua em Angola: caracterização das suas expressões culturais”, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

A exclusão e as suas consequências

- 10 A vida das crianças nesta investigação é dinâmica, pois nada é fixo, nem o lugar onde dormem e residem, nem o que comem, nem as atividades que fazem e nem as pessoas que encontram. Podemos concluir que estas crianças vivem em precariedade. Além disso não têm poder económico o que resulta em dificuldade de obter comida ou roupas. Um outro aspeto que provoca exclusão é a relação negativa que mantêm com a sociedade, pois são consideradas sujas e perigosas e assim não podem entrar em lojas, escolas, hospitais, ou (algumas) igrejas. Por último, o facto de elas serem estigmatizadas e desqualificadas resulta num comportamento que vai ao encontro daquilo que a sociedade tem como expectativa nas suas mentes: uma criança delinvente. Todas estas características dizem-nos que as crianças são excluídas da sociedade, constituindo um somatório de precariedade e pobreza [Clavel 2004]. Através desta situação podemos entender que as crianças na sociedade são vistas como “não-crianças” [Marchi 2007], sem uma infância moderna, e por esta razão não exercem os seus direitos, embora juridicamente os tenham [Koppele 2012]. Esta situação é bastante confusa, tanto para as crianças como para a sociedade, pois ambas as partes sabem que são crianças, embora através da infância que vivem não possam ser vistas como crianças, o que constitui, na verdade, uma crise de identidade. Não devemos contudo julgar que não sintam felicidade nas suas vidas, pois mesmo quanto a criança que não teve a mesma infância da “criança normal”, e portanto não tem acesso a todos os direitos, isso não significa que ela não esteja feliz [Koppele 2012]. O que ficou bem claro através das notas de campo e das entrevistas é que as crianças podem ser felizes dançando nas ruas, cheias de água suja, e sem chinelos.

Também ficou claro que dançar é um meio para receber uma alegria interior, por isso temos que ter um cuidado ao julgar apressadamente acerca da sua felicidade. Importante é ouvir as crianças sobre este assunto, levar suas opiniões e experiências a sério.

Expressões culturais. Somos cantores, futebolistas e dançarinos

- 11 Aqui entro no assunto que foi o ponto central da investigação: as expressões culturais. Através dos dados que as crianças me transmitiram, quatro áreas em que as crianças criam as suas expressões culturais foram identificadas: a área dos jogos e brincadeiras, a área do desporto, a área das canções, das danças e músicas e a área das identificações. Dentro da área dos jogos e brincadeiras encontramos: braço de ferro, não tem rite, capoeira, jogo das tampas, matraquilhos, jogos de cartas, playstation e as brincadeiras: tatuagens, bonecos, patim, militares, teatro, saltos mortais, borrachas elásticas, brincadeiras de equilíbrio. Na área do desporto praticam futebol no campo, futebol nas formas pequenas, basquete no pátio e natação. Na área da dança encontrámos a kizomba, o semba, o kuduro, e danças das imitações dos artistas; as canções consistem em no kuduro, canções religiosas e canções normais; a música revela-se pelos ritmos feitos à mão. Na última área, identificações, salientam-se as roupas, nomes, a linguagem, atributos e sinais [Koppele 2012]. Importante aqui é sublinhar a própria valorização das crianças relativamente às expressões que praticam. Para visualizar esta valorização efectuei um teste (figura 2) no período nocturno num centro de acolhimento. Os participantes foram crianças que andam durante o dia na rua e que naquela noite do teste (ou mais noites) dormiram naquele centro. Na figura 2 podemos ver que existe uma grande tensão entre as atividades básicas da vida (comer e trabalhar) e as expressões culturais. Através desta comparação podemos constatar que futebol é mais importante do que trabalhar e que o poder de desenhar é igual à comida. Levando em conta que o acesso às coisas básicas é essencial na vida, também podemos concluir, à luz destes dados, que a importância das expressões culturais na vida das crianças é muito elevada.

Característica	Nº de escolhas	Característica	Nº de escolhas
Comida	10	Dançar kuduro	8
Dançar kuduro	1	Jogar futebol	17
Dançar semba	11	Dançar kuduro	7
Dançar semba	5	Jogar futebol	13
Desenhar	9	Comida	9
Trabalhar	14	Comida	4
Jogar futebol	10	Trabalhar	8
Roupas	9	Cantar	9
Cantar	14	Dançar kuduro	4

Figura 2: Resultados do teste sobre atividades e importância nas vidas das crianças na casa Magone.

- 12 É importante destacar que ficou bem evidente que o contexto em que as crianças são inseridas é a condição especial com a qual podem expressar as suas expressões culturais da maneira que as fazem hoje em dia [Koppele 2012]. Portanto se uns dos aspetos falados

aqui em cima, fossem diferentes, não poderiam expressar e produzir as expressões culturais da mesma maneira em que fazem neste momento. Na produção das suas expressões culturais é importante notar que a rua então cumpre um papel essencial, pois é na rua onde existem todos os ingredientes das suas culturas infantis [Koppele 2012]. A rua hoje em dia é muitas vezes considerada como um lugar perigoso e cheio de seduções, mas de facto também é um lugar que expressa, por sua natureza e diversidade, a pluralidade de aparências, de encontros, de trocas, de lazeres, de brincadeiras, de ludicidade, de congraçamentos, de expressões, de emoções, brincadeiras, conversas, paqueiras, discussões e de prazeres [Pires 2006: 69] Portanto, enquanto a violência doméstica pode cessar, impedir, deter ou retardar o desenvolvimento pleno dos seres humanos [Koller & De Antoni 2004 *apud* Paludo & Koller, 2008], as características da rua podemos considerar como estimulante para o desenvolvimento das crianças e das suas expressões culturais.

Princípios sociais: viver com felicidade

- 13 As crianças participantes nesta investigação vivem várias vezes em conjunto, porque enquanto andam e convivem na rua, estão quase sempre num grupo. Também na execução das expressões culturais se encontram em grupos. Para que estes grupos possam funcionar, constituíram-se certos valores que todas as crianças devem seguir, caso contrário a criança será expulsa do contacto com as outras crianças. Podemos chamar princípios sociais aos valores que criaram inconscientemente e que consistem em quatro aspectos: Aceitação, Coesão, Justiça e Flexibilidade. Estes princípios lembram-nos como As Crianças Juntam Forças. Com estes valores, ‘aceitam’ outras crianças dentro do grupo; pela ‘coesão’ sentem-se responsáveis umas pelas outras; pela ‘justiça’ não aceitam a injustiça nos jogos, nas brincadeiras ou nas outras circunstâncias - pois honestidade é um grande capital; e com a ‘flexibilidade’ conseguem realizar o valor da aceitação. Podemos imaginar que através destes valores o risco de que as crianças sejam expulsas do grupo é muito reduzido, pois todas as crianças acham estes valores importantes para viver na rua. Encontramos os valores em todas as circunstâncias: na execução das expressões culturais e nas atividades do dia-a-dia.

Descobrir o tesouro das crianças

- 14 Embora as crianças que não vão à escola, saiam de suas casas e durmam nas ruas, e apesar de não serem valorizadas, possuem informações importantes para a sociedade. Sobretudo por causa da sua situação de exclusão é importante entender a cultura das crianças porque possuem informações historicamente valiosas e que não podemos adquirir de outra forma a não ser pelo estudo da sua própria cultura [Sarmiento 2002]. Focalizo-me especificamente nas expressões culturais que fazem parte das suas culturas infantis. É com estas expressões que as crianças nos mostram como se vêem a si mesmas, mostram factos sobre as suas vidas pessoais, mas também sobre a sociedade. Podemos dizer que com estas expressões as suas vidas tornam-se visíveis ou invisíveis [Koppele 2012]. Na área das canções e danças podemos descobrir por textos e através da expressão dentro da dança “a vida de rua” em que vivem. Esta informação é extremamente importante quando queremos resolver de forma efectiva os problemas das crianças e com isso o problema das “crianças de rua” em Angola. Além do facto de estas informações poderem ajudar a

sociedade a entender e assim resolver certos problemas, as crianças de rua também possuem um certo capital cultural que é muito específico e só adquirido nos contextos em que elas têm vivido. Quando este capital cultural vier a ser valorizado pela sociedade, as crianças podem servir a própria sociedade, contribuindo para a compreensão destes problemas, que não são completamente entendidos pela sociedade, mas que o são pelas próprias crianças [Koppele, te 2012].

- 15 Existem então vantagens na valorização das culturas das crianças, embora não tenhamos ainda tratado do ponto principal, bem expresso na convenção dos direitos das crianças de 1986, da Unicef, quando menciona no seu Artigo 12.1 que “as crianças têm o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhes respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade”. Angola tem assinado esta convenção. Assim, em conformidade, os adultos têm que a aceitar e assumir a responsabilidade de concretização deste direito, pois se as crianças expressam as suas opiniões, mas na verdade não são ouvidas, então, o direito, de facto, não existe. Está escrito claramente que as suas opiniões têm que ser consideradas em todas as coisas que lhes respeitam. Então vamos agora ouvir o que as crianças dizem sobre aquilo que lhes diz respeito. Olhemos para o conceito “crianças de rua”. O que é que as crianças pensam sobre esta expressão? O que pensam sobre este conceito? Através da entrevista com o Bas, de 10 anos, que vive na rua por tempo desconhecido, foi visível que a sociedade o chama criança de rua quando anda sujo e está vestido com roupas sujas [Koppele 2012]. Bas conta-nos que gostaria de comprar um fato porque assim pensa que a sociedade já não o iria abordar como criança de rua. Isto nos indica então que, na perspectiva do Bas, a sociedade considera-o como criança de rua por causa da sua aparência, não olhando para os problemas da própria criança. Para a sociedade, o problema de ter crianças de rua é um problema de aparência e não um problema social e material. Isto não é, obviamente, verdade. Numa outra entrevista com Yando, 11 anos, há 3 anos na rua, a criança afirma que nenhuma das crianças com as quais convive é uma criança de rua, pois as crianças de rua não têm pais e esse tipo de crianças simplesmente não existe. Diz Yando que todas as crianças têm pais, estejam eles presentes ou não, mas têm. Assim, afirmou ele, é uma criança da casa. [Koppele 2012]. Esta afirmação do Yando esta coerente com os resultados do estudo de Paludo & Koller [2008] que apontam o facto de a existência de crianças de rua não implicar necessariamente a inexistência de uma família. No estudo deles todos os participantes possuíam vínculos com as suas famílias, mesmo que fossem vínculos frágeis. As crianças vistas como crianças de rua, apenas têm um relacionamento mais forte com a rua do que as crianças que vivem na casa familiar.
- 16 As crianças que residem nas ruas não estão inseridas no sistema da educação formal, mas isto não significa que não se desenvolvem. Podemos dizer que se desenvolvem através da escola da vida em que as suas culturas infantis cumprem um papel central. Na investigação feita com estas crianças estudei estas culturas infantis de que as expressões culturais fazem parte. Essas expressões culturais são extremamente importantes para conseguirem sobreviver nas ruas, uma vez que, levando em conta todos aspetos tratados neste artigo, a vida na rua é muito dura. Já sabemos que uma das áreas em que praticam as expressões culturais é a área dos jogos e brincadeiras, e esta área é, através do seu cruzamento com o mundo da imaginação, uma terapia natural para processar todas as durezas e experiências da rua [Koppele 2012]. As experiências traumáticas podem ser levadas para o mundo “faz de conta” e podem transformar-se em situações desejáveis. Através do “faz de conta” podem substituir o medo, a tristeza e outras emoções difíceis

por sentimentos agradáveis que facilitam a vida que se vive nas ruas de Luanda [Sarmiento 2004]. Podemos então dizer que na realização das expressões culturais a imaginação é o óleo entre a experiência real e o mundo em que experiências podem ser transformadas num jogo que na sua parte é uma expressão cultural.

Desenvolvimento pelas expressões culturais

- 17 Nos resultados, e na teoria já existente, ficou bem claro que as crianças têm todas as capacidades e o direito para expressar as suas expressões culturais. O problema aqui é que são os adultos que não as querem ouvir ou atribuir-lhes o devido valor, muito embora estejam perante uma boa possibilidade para estimular o desenvolvimento das crianças e compreender melhor os seus problemas. É lamentável que os adultos não valorizem aquilo que estas crianças já possuem: as capacidades para praticar e criar as expressões culturais e a liberdade de expressão. Além disso, as crianças são muito motivadas para expressar as suas convicções e isso tem como consequência um bom potencial de desenvolvimento. O facto de que os adultos não valorizam as expressões das crianças tem a ver com outras razões. Considero importante abordar uma delas. Em geral, na sociedade, as crianças, e sobretudo crianças “de rua”, são concebidas como incapazes e com um baixo grau de capacidades intelectuais. Isto leva-me a uma pergunta importante: “O que é então ser inteligente?”. Sabemos que a inteligência é a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural [Gardner 2007: 21]. Quando eu digo que as crianças “de rua” em Luanda têm muitos problemas todos irão afirmar que estas mesmas crianças vivem lá diariamente com estes problemas, e para conseguir sobreviver neste tipo de vida precisam da sua inteligência, porque sem usá-la na vida de rua não têm como aguentar por muito tempo. A minha conclusão é então que estas crianças são habitualmente muito inteligentes. Não me refiro especificamente aos testes de inteligência que medem o QI, mas falo da inteligência investigada por Howard Gardner. Ele não pergunta, “Qual é a tua quantidade de inteligência?” mas, “De que maneira você é inteligente?”. Isto revela oito inteligências, sendo: Inteligência linguista, lógica matemática, espacial, cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista [Gardner *apud* Armstrong 2001]. Temos que levar em conta que estas inteligências nunca funcionam isoladas, mas sempre em conjunto. Isto significa que na execução das expressões culturais em muitas áreas há algumas inteligências que são mais usadas do que outras, como por exemplo na área das danças, canções e músicas, em que as crianças usam e desenvolvem muito a inteligência musical e corporal-cinestésica, mas isto não significa que não usem as outras inteligências.
- 18 No desenvolvimento das expressões culturais, as crianças usam então as diferentes inteligências. Embora haja mais fatores que influenciam o desenvolvimento das crianças, quero-me focalizar na vantagem dos cruzamentos entre grupos e lugares. No início deste artigo falei sobre a existência dos grupos abertos das crianças em Luanda. Vimos claramente que nos grupos as crianças têm contactos umas com as outras, e não somente com outros grupos, mas também com outros lugares. O contexto na rua é diferente do que há num centro de acolhimento, e o que há no centro de acolhimento é diferente do que há no seio familiar. Portanto, estes contextos também se cruzam e isto tem influência no desenvolvimento das crianças e também no desenvolvimento de uma expressão. Foi possível observar e ouvir canções em que as crianças tornam visíveis estes diferentes

grupos e lugares. Assim, por exemplo, o Daan, (11 anos, em que o tempo na rua é desconhecido, embora mantenha de vez em quando contacto com a sua família), cantou: “na rua se compra, no centro se rouba”. Ele quer dizer que as crianças que durante o dia e/ou noite residem na rua compram as suas próprias coisas e as crianças que tiveram uma vida na rua, mas hoje em dia vivem internas num centro de acolhimento roubam as coisas que durante a noite as crianças da “rua” trazem consigo quando dormem lá uma noite no centro. Vemos então o que as crianças tornam visível numa só frase, relativamente aos cruzamentos entre lugares e grupos. Podemos considerar isto como uma vantagem porque através do contacto com o outro convivem e trocam experiências e ensinam novidades de vários “mundos” uns aos outros, o que é favorável no que diz respeito ao seu desenvolvimento pessoal e para o nível da criação das expressões culturais.

- 19 Através das suas expressões, as crianças elas usam as inteligências para sobreviver. Do ponto de vista económico, a integração nas expressões culturais é uma maneira pela qual usam a inteligência e pela qual conseguem lidar com a situação da pobreza em que se encontram. Uma das maneiras através das quais conseguem dinheiro é pela execução das expressões culturais. Assim, Bas (o menino de 10 anos que reside na rua durante o dia e algumas vezes dorme no centro de acolhimento) falou na entrevista: “Você começa a dança, você vai dá o teu toque, depois eles vão começá a cantá, ewêê, ewêê, dança, dança, dança, vais dá mortali e vai pegá o dinheiro, vai tirá, você vai apanhá vai metê no bolso” [Koppele 2012]. Num outro caso as crianças jogam cartas e colocam uma quantidade de dinheiro no meio que serve como prémio. Também me encontrei com muitas crianças que vendem as suas roupas.
- 20 Temos que estar conscientes de que as coisas que as crianças podem guardar são poucas, pois enquanto vivem na rua não tem um lugar onde guardá-las. Portanto, as coisas que levam consigo são coisas bem escolhidas e com grande valor. Interessante é que as coisas que levam são sobretudo coisas que usam nas expressões culturais. Encontrei os que levam borrachas elásticas, bonecos, roupas, verniz e material de futebol. Através da valorização destas coisas podemos ver como é que eles guardam os bens. Quando têm possibilidade tentam ter uma mochila que sempre guardam consigo. Ouvei falar de uma criança que guardou as suas coisas num buraco na terra. E havia uma outra criança que guardava as suas borrachas elásticas, que servem para fazer figuras com as mãos, na sua própria boca, para que ninguém pudesse roubá-las. Através da maneira como guardam as coisas vemos o valor que têm. Podemos também entender com facilidade que as expressões culturais nas suas vidas têm uma dimensão muito séria e profissional. É visível que querem jogar, brincar, cantar, e dançar da melhor forma possível. Um exemplo deste profissionalismo podemos ver na maneira como jogam futebol, pois mesmo tendo poucas roupas, eles recolhem, procuram e compram roupas adequados para jogar futebol. Antes do jogo começar mudam de calças ou então despem-se e jogam de cuecas para ter mais agilidade e fazer melhores técnicas no jogo. Quanto têm, vestem uma t-shirt de um *club* que adoram, como Barcelona. Por fim, gostam de usar artigos como meias compridas, que são luvas para o guarda-redes [Koppele 2012]. Importante aqui é termos a consciência de que estes artigos e roupas não são fáceis de conquistar, pois as crianças não têm de facto dinheiro para os comprar. Elas têm de procurar e negociar com outras crianças as roupas que querem para as conseguirem.
- 21 Também vemos esta mesma atitude profissional na execução das canções, pois sobre todas as canções que as crianças criam existem direitos de autor [Koppele 2012]. Nenhuma criança pode usar uma canção de outra criança sem permissão, isto é mesmo

considerado um crime entre elas. Num dos momentos em que estive presente e em que uma criança cantava uma canção de outra criança, disse-me que deveria eliminar esta canção do gravador, por não ser sua. Além dos direitos de autore, as crianças usam redes e mantêm contactos com DJ profissionais. Desta forma, algumas crianças conseguem gravar as suas canções num disco e criam desta maneira uma identidade como cantores na busca de um futuro próspero [Koppele 2012].

- 22 Muitas vezes também vimos que as crianças usam determinadas áreas de expressão cultural de uma forma complementar a outras áreas de expressão. Por exemplo, usam as danças para expressar a sua alegria quando marcam um golo no futebol ou começam a dançar num momento inactivo enquanto estão a jogar à bola. Isto tudo serve para otimizar a expressão que estão a praticar num certo momento. A área das identificações cumpre aqui um papel importante porque cruza-se com todas as outras áreas. Para praticar uma certa expressão é necessária uma identidade, a qual cumpre seu papel como guarda-chuva para todas as outras áreas. Podemos dizer que a identidade da criança é a terra onde elas criam e praticam as suas expressões culturais [Koppele 2012]. Digo isto porque sem os nomes, atributos de linguagem, roupas e os sinais, as crianças são incapazes de se expressar. Ao mesmo tempo, também existe uma interacção entre a área da identificação e as expressões, pois estas têm tanto poder que influenciam a identidade das crianças e é através destas expressões que as crianças se conseguem identificar [Koppele, te 2012]. Esta interacção pode ser visualizada na figura 3.

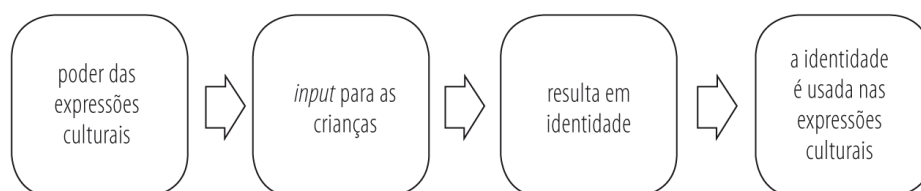


Figura 3: cruzamento da identidade com as expressões

- 23 É interessante notar, na área das identificações, que as crianças não são verdadeiramente conscientes de que estão constantemente a criar a sua identidade, pois é uma produção simbólica e não executiva como nas outras áreas. A identificação é criada ao longo do tempo e não tem um resultado fixo, embora nas expressões executivas, ou seja, todas as outras áreas, as crianças trabalhem num produto dentro de um curto período de tempo, o que resulta num certo produto: como um jogo, uma canção ou uma dança.

Concluindo: sonhamos e temos um futuro

- 24 Gostaria de finalizar este artigo com uma breve consideração do título. Espero que com a publicação deste artigo a vida destas crianças se torne visível na sociedade de Angola. Na vida destas crianças há conteúdo, existem capacidades, e pode existir um futuro. Somos nós, os adultos que podemos influenciar a forma como este futuro se irá revelar. O papel da sociedade e dos adultos é, então, essencial para essa revelação. Ficou claro que as crianças não duvidam dos seus poderes, das suas capacidades e das suas possibilidades. Portanto, somos nós que devemos dar um passo à frente, apoiar estas crianças e trabalhar para uma sociedade sem crianças de rua, uma sociedade em que todas crianças sejam valorizadas e tenham as mesmas oportunidades.

- 25 Quando estivermos disponíveis para ouvir e entender a cultura infantil da criança de rua poderemos começar a pensar em soluções. As crianças de rua não têm de ficar arredadas da educação. Para concretizar o artigo 15º da Lei Constitucional de Angola, de 1991, relativamente ao “desenvolvimento de uma educação ao serviço do povo” [Silva 2004], poderemos organizar uma educação alternativa, não convencional e mais pragmática, provavelmente fora do sistema educativo formal [Roca 2000]. Os resultados desta investigação tornam óbvias as inteligências que as crianças se desenvolvem em vários domínios e muitas destas crianças revelam-se extremamente capazes. Através de um trabalho sistemático de investigação-acção com crianças [Roco, 2000] podemos não realizar uma escola que funcione em favor dos adultos, mas sim uma escola que funcione em favor daqueles que clamam por ela [Schirò; Koller & Paludo 2009]. Na minha opinião, os adultos nunca podem construir as soluções para as crianças sem ouvir e entender os seus mundos. Só desta maneira podemos criar um mundo e uma educação em que também as crianças de rua são incluídas e em que os seus sonhos têm um lugar.
-

BIBLIOGRAFIA

CLAVEL, Gilbert

2004: *A sociedade da exclusão: compreende-la para sair*. Porto: Porto Editora

GARDNER, Howard

2001: Prefácio. in: T. Armstrong (2001). *Inteligências múltiplas na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, pp. 13-15

2007: *Inteligências múltiplas. A teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed

GRAUE, Elizabeth. & WALSH, Daniel

2003: *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

KANOQUELA, Noemi

2009: *Pesquisa sobre crianças e adolescentes de e na rua nos centros sociais da ONG Kandengues Unidos nos municípios da Maianga e do Kilamba Xiáxi em Luanda*. Luanda: Centro Informaziane e Educazione allo Sviluppo

KIRBY, Perpetua.

1999: *Involving young researchers*. New York: Save the Children, Joseph Rowntree Foundation, York Publishing Services

KOPPELE, te Brenda

2012: *Crianças de rua em Angola: uma caracterização das suas expressões culturais*. Braga: Universidade do Minho

MARCHI, Rita

2007: *A infância não reconhecida: as crianças de rua como atores sociais*. Florianópolis: Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais

PALUDO, Simone. & KOLLER, Sílvia.

2007: Toda Criança tem Família: Criança em Situação de Rua Também. *Psicologia & Sociedade* n.º 20 (1): 42-52

PIRES, António

2006: A rua como lugar de formação da cidadania, prazer e felicidade. *Apud: J. E. Carvalho. Lazer no espaço urbano: Transversalidade e novas tecnologias*. Curitiba: Champagnant, pp. 63-69

ROCA, Zoran

2000: As “crianças de rua” em Angola: um Estudo das Necessidades e dos Potenciais para a Introdução do Ensino Básico Informal e da Formação Profissional. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas

SCHIRO, Eva; Sílvia, KOLLER & Simone, PALUDO

2009: *Educação Social para Crianças em Situação de Rua no Brasil*. Coimbra: Revista Portuguesa de Pedagogia, ano 43-2: 57-80

SILVA, Eugénio

2004: *Direito à Educação e Educação para todos numa Sociedade em Desenvolvimento – o caso de Angola*. Coimbra: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais

SARMENTO, Manuel

2002: *Imaginários e culturas da infância*. Braga: Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho.

2004: “As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade”, in: M. J. Sarmiento e A. B. Cerissara (coord.). *Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação*. Porto: ASA, pp. 9-34

Internet

http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Palavras-chaves: convenção - direitos da criança – Unicef

NOTAS

1. Criança 1: a criança, referido a criança “normal”. Criança 2: a criança que reside durante o dia na rua e volta a noite para uma casa familiar. Criança 3: a criança que reside durante o dia na rua e a noite reside numa casa de acolhimento. Criança 4: a criança que vive num centro de acolhimento, dia e noite. Criança 5: a criança que vive na rua durante dia e noite. Notas: Os grupos definidos são baseados nos dados desta investigação, e só são aplicáveis para as crianças que residem em Luanda. Os grupos não mantêm uma relação com a gravidade da situação em que a criança se encontra, nem têm relação a quantidade dum certo grupo.

RESUMOS

Neste artigo escrevo sobre a vida das crianças “de rua” em Luanda, especificamente sobre a prática e impacto das suas expressões culturais no seu dia-a-dia. O artigo foca-se no desenvolvimento que as crianças criam através do uso das expressões culturais. Foram estabelecidas quatro áreas de expressão cultural: jogos e brincadeiras, desporto, danças, canções e música, e identificações. É discutido o conceito “crianças de rua” e a influência que ele tem na vida das próprias crianças. Também é considerado o conceito “grupos” e a maneira como a dinâmica dos grupos é usada no desenvolvimento das próprias capacidades e das expressões culturais. Este artigo é baseado nos resultados da investigação participativa com crianças de rua por Brenda te Koppele [2012]. Desta forma, os resultados e discussões neste artigo estão todos baseados em “dados puros” no sentido em foram produzidos através do relacionamento com as próprias crianças de rua neste contexto

This article is about the life of “street” children in Luanda, in specific the practice and impact of their cultural expressions in their daily life. The focus is on the development of their capabilities, created through the execution of their cultural expressions. There were established four areas of cultural expressions of streetchildren in Luanda: dancing, singing and music, sports, games and playing, and identification. Beyond the cultural expressions the concept “streetchildren” and the influence of this concept in their lives will be discussed. There is a consideration about the concept “groups” and the way how the dynamics in these groups are used by developing their own capabilities and the cultural expressions. This article is based on the results of participative child investigation by Brenda te Koppele [2012] and therefore results and discussions in this article are all based on “pure data” received through the relationship with the streetchildren in this context

ÍNDICE

Keywords: Streetchildren, cultural expressions, participative investigation, development

Palavras-chave: Crianças de rua, expressões culturais, investigação participativa, desenvolvimento

AUTOR

BRENDA TE KOPPELE

Pedagoga, Mestre em Sociologia da Infância pela Universidade do Minho (Braga, Portugal), com investigação nas áreas da Sociologia da Infância e dos direitos das crianças. Trabalha na Combiwel, com várias dezenas de escolas.

[e-mail: brendatekoppele@hotmail.com]